

# O LEOPARDO

Jo Nesbø

Tradução do inglês  
Ricardo Gonçalves





PARTE UM



## O Afogamento

**E**la acordou. Pestanejou nas trevas. Abriu muito a boca e respirou pelo nariz. Pestanejou novamente. Sentiu uma lágrima escorrer-lhe pelo rosto, sentiu-a dissolver o sal de outras lágrimas. Mas a saliva já não lhe entrava na garganta, sentia a boca seca e áspera. As bochechas estavam distendidas pela pressão vinda de dentro. O corpo estranho que tinha na boca parecia prestes a rebentar-lhe a cabeça. Mas o que era aquilo? O que seria? A primeira coisa que pensou quando acordou foi que queria regressar. Regressar às profundezas quentes e escuras que a tinham envolvido. O efeito da injeção que ele lhe dera ainda não se tinha dissipado, mas sabia que a dor vinha a caminho, sentiu-a aproximar-se no ritmo pausado e monótono da pulsação e no fluxo irregular de sangue para o cérebro. Onde estava ele? Estaria mesmo por detrás dela? Susteve a respiração, pôs-se à escuta. Não conseguia ouvir nada, mas sentia uma presença. Como um leopardo. Alguém lhe dissera que os leopardos faziam tão pouco barulho que conseguiam aproximar-se sorrateiramente e ficar mesmo ao pé da presa na escuridão. Conseguiram regular a respiração de forma a ficar em sintonia com a da presa. Conseguiram prender a respiração ao mesmo tempo que a presa o fazia. Estava certa de sentir o calor do corpo dele. De que estava ele à espera? Expirou uma vez mais. E nesse preciso momento teve a certeza de sentir um bafo na nuca. Rodou sobre si mesma, açoitou a escuridão com o braço, mas apenas sentiu a deslocação do ar. Curvou-se, tentou encolher-se, esconder-se. Era inútil.

Quanto tempo teria estado inconsciente?

O efeito da droga estava a passar. A sensação durara apenas uma fração de segundo. O suficiente para lhe deixar um antegosto, uma promessa. A promessa do que a esperava.



O corpo estranho que ele colocara em cima da mesa, à sua frente, tinha o tamanho de uma bola de bilhar, era de metal brilhante e exibia pequenos furos, figuras e símbolos em baixo-relevo. De um dos orifícios saía um arame vermelho que terminava num laço, o que imediatamente a fez pensar na árvore de Natal que seria preciso decorar em casa dos pais, no dia 23 de dezembro, daí a sete dias. Com bolas brilhantes, duendes, corações, velas e bandeiras norueguesas. Daí a oito dias estariam a cantar uma canção tradicional de Natal e veria os olhos cintilantes dos sobrinhos e sobrinhas enquanto abriam os presentes.

Tudo o que deveria ter feito de forma diferente. Os dias que deveria ter vivido muito mais intensamente, com muito mais autenticidade, que deveria ter preenchido de felicidade, de alento e de amor. Os locais por onde havia passado e que planeava visitar. Os homens que conhecera, o homem que ainda não tinha encontrado. O feto de que se livrara quando tinha dezassete anos, os filhos que ainda não tivera. Os dias que desperdiçara a pensar nos que ainda teria pela frente.

Depois parara de pensar no que quer que fosse, a não ser na faca que havia sido brandida diante de si. E na voz suave que lhe dissera para pôr a bola na boca. Tinha-o feito, claro que sim. Com o coração a martelar-lhe o peito, abrira a boca o máximo possível e empurrara a bola para dentro, deixando o arame a pender-lhe dos lábios. O metal tinha um gosto amargo e salgado, como lágrimas. Depois fora obrigada a inclinar a cabeça para trás e sentira o aço queimar-lhe a pele e a lâmina plana da faca encostada ao pescoço. O teto e o quarto estavam iluminados por um candeeiro de pé encostado à parede, a um dos cantos. Betão cinzento, nu. Além do candeeiro, havia no quarto uma mesa de campismo em plástico branco, duas cadeiras, duas garrafas de cerveja vazias e duas pessoas. Ela e ele. Sentiu o cheiro da pele de uma luva quando um dedo puxara ao de leve o laço vermelho que lhe pendia da boca. E, no momento seguinte, a cabeça parecera-lhe prestes a explodir.

A bola tinha-se expandido e ajustado ao interior da boca. Mas, por mais que abrisse os maxilares, a pressão era constante. Ele examinava-a com uma expressão concentrada e interessada, como um dentista a inspecionar a boca de um paciente para ver se o aparelho estava no lugar. Um pequeno sorriso traiu uma leve satisfação.

Com a língua sentira sulcos circulares no rebordo dos furos da bola e era isso que lhe estava a pressionar o palato, a carne macia da língua, os dentes, a úvula. Tentou dizer alguma coisa. Ele tinha ouvido pacientemente os sons inarticulados que lhe saíam da boca. Assentira quando ela desistiu e exibira uma seringa. A gota na ponta da agulha reluzira à luz da lanterna. O homem sussurrou-lhe algo ao ouvido: «Não toques no arame.»

Depois injetara-a no pescoço. Em segundos ficou inconsciente.

Escutava a própria respiração, aterrorizada enquanto pestanejava na escuridão.

Tinha de fazer alguma coisa.

Apoiou as palmas das mãos no assento da cadeira, que estava húmido do seu suor, e levantou-se. Ninguém a deteve.

Avançou em pequenos passos até bater numa parede. Seguiu às apalpadelas até uma superfície lisa e fria. A porta de metal. Rodou a maçaneta, mas a porta não se abriu. Não se moveu. Trancada. Claro que estava trancada. De que é que estava à espera? Aquilo que estava a ouvir seria um riso ou o som viria do interior da própria cabeça? Onde é que ele estava? Porque brincava assim com ela?

«Faz alguma coisa. Pensa.» Mas para pensar tinha de se livrar daquela bola metálica antes que a dor a enlouquecesse.

Introduziu o polegar e o indicador nos cantos da boca. Apalpou os sulcos. Tentou, em vão, pôr os dedos sob um deles. Teve um ataque de tosse e um acesso de pânico por não conseguir respirar. Apercebeu-se de que os sulcos tinham feito com que a carne em torno da traqueia inchasse, em breve correria o risco de sufocar. Pontapeou a porta metálica, tentou gritar, mas a bola abafou o som. Desistiu mais uma vez. Encostou-se à parede. Escutou. Estaria a ouvir os passos cautelosos dele? Estaria ele a andar pela sala? Estaria a brincar com ela à cebra-cega? Ou seria o sangue a latejar-lhe nos ouvidos? Preparou-se para enfrentar a dor e forçou a boca a fechar-se. Os sulcos quase não cederam e logo em seguida saltaram novamente para fora da bola, abrindo-lhe a boca à força. A bola parecia estar agora a pulsar, como se se tivesse tornado um coração de ferro, uma parte dela.

«Faz alguma coisa. Pensa.»

Molas. As saliências tinham molas.

Tinham saltado quando ele puxou o arame.

«Não toques no arame», dissera ele.

Porque não? O que aconteceria?

Deslizou pela parede abaixo até ficar sentada. Um frio húmido emanava do chão de betão. Queria gritar outra vez mas não conseguia. Silêncio. Silêncio absoluto.

Tudo o que deveria ter dito àqueles que amava em vez das palavras com que preencheria o silêncio junto daqueles a quem era indiferente.

Não havia qualquer saída. Apenas ela e aquela dor inacreditável, a cabeça prestes a explodir.

«Não toques no arame.»

Se o puxasse, talvez os sulcos se retraíssem para o interior da bola e pudesse livrar-se daquela dor.

Os pensamentos corriam em círculos, sempre nos mesmos círculos. Há quanto tempo estava ali? Há duas horas? Oito horas? Vinte minutos?

Se tudo o que havia a fazer era puxar o arame, porque é que ainda não o tinha feito? Por o aviso ter sido dado por um homem que era obviamente um psicopata? Ou será que aquilo fazia parte do jogo? Ser enganada de modo a resistir à tentação de parar completamente aquela dor desnecessária? Ou o jogo consistia em ignorar o aviso e puxar o arame, fazendo com que... fazendo com que algo terrível acontecesse? O que aconteceria? O que seria aquela bola?

Sim, era um jogo, um jogo brutal. E ela tinha de o jogar. A dor era insuportável, a garganta estava a inchar-lhe, em breve sufocaria.

Tentou gritar novamente, mas o esforço terminou num soluço. Pestanejou, uma e outra vez, sem verter mais nenhuma lágrima.

Os dedos encontraram o arame que lhe pendia dos lábios. Puxou-o devagarinho até ficar tenso.

Claro que havia muita coisa que se arrependia de não ter feito. Porém, se uma vida de abnegação a houvesse colocado noutra lado qualquer que não ali, naquele preciso momento, era essa a vida que teria escolhido. Só queria viver. Uma vida qualquer. Era tão simples como isso.

Puxou o arame.



As agulhas saíram disparadas dos sulcos circulares. Tinham sete centímetros de comprimento. Quatro rasgaram-lhe as faces, três irromperam pelos seios perinasais, duas pelas fossas nasais e duas trespassaram-lhe o queixo. Duas agulhas perfuraram a traqueia. Outra o olho direito e outra ainda o esquerdo. Várias agulhas penetraram a parte posterior do palato e atingiram o cérebro.

Mas não foi essa a causa direta da morte. Como a bola de metal impedia o movimento, ela não foi capaz de cuspir o sangue que lhe escorria das feridas para a garganta. Em vez disso, o sangue escorreu pela traqueia e alojou-se nos pulmões, não permitindo que estes absorvessem oxigénio e o transferissem para a corrente sanguínea, o que por sua vez levou a uma paragem cardíaca, a que o patologista forense chamaria no seu relatório hipoxia cerebral, ou seja, falta de oxigénio no cérebro. Por outras palavras, Borgny Stem-Myhre afogou-se.

## A Escuridão que Ilumina

18 de dezembro

**O**s dias são curtos. Lá fora ainda há luz, mas aqui, na minha sala de recortes, a escuridão é eterna. À luz do meu candeeiro de trabalho, as pessoas dos retratos na parede parecem irritantemente felizes e confiantes. Cheias de expectativas, como se tomassem como certo que têm a vida toda pela frente, um oceano de tempo perfeitamente calmo, suave e sereno. Estive a fazer recortes de jornais, eliminei todas as histórias dilacerantes sobre o choque da família, eliminei os pormenores macabros da descoberta do cadáver. Contentei-me com a inevitável foto cedida por um parente ou um amigo a um jornalista persistente, uma fotografia tirada quando ela estava no seu auge, a sorrir como se fosse imortal.

A Polícia não sabe grande coisa. Ainda não. Mas em breve terá mais com que trabalhar.

O que é e onde está, seja o que for que transforma alguém num assassino? Será inato, estará num gene, um potencial que alguns herdaram e outros não? Ou será moldado pela necessidade, desenvolvido num confronto com o mundo, uma estratégia de sobrevivência, uma doença salvadora, insanidade racional? Porque, do mesmo modo que a doença é um bombardeamento febril do corpo, a insanidade é um retiro vital num lugar onde nos podemos entrincheirar e retemperar forças.

Pela minha parte, acredito que a capacidade de matar é fundamental para qualquer pessoa saudável. A nossa existência é uma luta para vencer, e quem não conseguir matar o seu semelhante não tem o direito de existir. Matar é, afinal, apenas apressar o inevitável. A morte não

*admite exceções, o que é bom, uma vez que a vida é dor e sofrimento. Nesse sentido, cada homicídio é um ato de caridade. Apenas não parece ser assim quando o sol nos aquece a pele ou a água nos molha os lábios e reconhecemos o nosso estúpido desejo de viver em cada batimento cardíaco, e estamos dispostos a comprar meras migalhas de tempo com tudo aquilo que acumulámos ao longo da vida: dignidade, estatuto, princípios. É então que temos de escavar fundo, de dar grande margem de manobra à luz confusa e ofuscante. De entrar na escuridão fria que ilumina. E sentir o núcleo duro. A verdade. Porque era isso que eu tinha de encontrar. Foi isso que encontrei. O que quer que seja que transforma uma pessoa num assassino.*

*Então e a minha vida? Será que também acredito que é um oceano de tempo calmo e sereno?*

*De forma alguma. Dentro de pouco tempo, também eu jazerei no depósito de lixo da morte, juntamente com todos os outros atores deste pequeno drama. Contudo, seja qual for o estado de decomposição que o meu cadáver atinja, mesmo que apenas reste o esqueleto, terá um sorriso nos lábios. É para isso que vivo agora, pelo meu direito de existir, pela minha oportunidade de ser purificado, libertado de toda a desonra.*

*Mas isto é apenas o começo. Agora vou desligar o candeeiro e sair para a luz do dia. A pouca que resta.*

## Hong Kong

**N**ão foi logo que parou de chover. Nem depois. Na verdade, não parou de todo. O tempo manteve-se ameno e húmido, semana após semana. O solo encontrava-se saturado, as autoestradas europeias desabavam, as aves migratórias não migravam e havia relatos sobre insetos nunca vistos em climas setentrionais. O calendário mostrava que era inverno, porém, nos parques de Oslo ainda não havia neve, nem sequer erva castanha. Encontravam-se tão verdes e convidativos como as pistas de relva sintética de Sogn, às quais os desesperados adeptos da boa forma tinham recorrido para fazer *jogging*, enfiados nas suas calças justas *Bjørn Dæhlie*, enquanto esperavam em vão pela neve, por condições que lhes permitissem esquiar em redor do lago Sognsvann. Na véspera de Ano Novo, a neblina era tão densa que o fogo-de-artifício lançado do centro de Oslo, apesar de se ter ouvido na suburbana Asker, não se conseguia ver, nem que fosse lançado do nosso próprio jardim. No entanto, nessa noite, os noruegueses lançaram fogo-de-artifício avaliado em seiscentas coroas<sup>1</sup> por lar, de acordo com um estudo ao consumo, que também revelou que o número de noruegueses que concretizou o sonho de viver um Natal branco, mas no branco da areia das praias da Tailândia, duplicou em apenas três anos. Contudo, o clima também parecia ter enlouquecido no Sudeste Asiático: depressões ameaçadoras, geralmente registadas apenas em mapas meteorológicos na temporada dos tufões, estavam agora alinhadas por todo o mar da China. Em Hong Kong, onde fevereiro tende a ser um dos meses mais secos do ano, a chuva caía de forma tão intensa que a fraca

---

<sup>1</sup> Cerca de 73 euros. Uma coroa norueguesa vale aproximadamente 0,12 euros. (N. do T.)

visibilidade fez com que o voo 731 da Cathay Pacific, proveniente de Londres, tivesse de sobrevoar uma segunda vez o aeroporto antes de iniciar as manobras de aterragem em Chek Lap Kok.

– Devia dar-se por feliz de não termos de aterrar no aeroporto antigo – disse o passageiro com feições asiáticas ao lado de Kaja Solness, que se aferrava com tanta força aos apoios para os braços do assento que tinha os nós dos dedos brancos. – Ficava no centro da cidade. Iríamos direitinhos a um dos arranha-céus.

Eram as primeiras palavras que o homem proferia desde que haviam descolado, há doze horas. Kaja agarrou-se avidamente à oportunidade de se concentrar noutra coisa que não na zona de turbulência que estavam a atravessar.

– Obrigada, o que disse foi muito reconfortante. O senhor é inglês? – O homem recuou como se alguém o tivesse esbofetado e Kaja apercebeu-se de que o tinha ofendido mortalmente ao sugerir que descendia dos anteriores colonizadores. – Hum... Será então chinês?

O passageiro abanou a cabeça de forma veemente.

– Chinês de Hong Kong. E a menina?

Kaja Solness interrogou-se por um momento se deveria responder «norueguesa de Hokksund», mas limitou-se a dizer «norueguesa», o que deixou o chinês de Hong Kong a matutar durante uns segundos. Depois exclamou um triunfante «Aha!», antes de acrescentar «escandinava» e perguntar-lhe o que ia fazer a Hong Kong.

– Tentar encontrar um homem – respondeu Kaja, olhando para as nuvens cinzento-azuladas na esperança de vislumbrar em breve terra firme.

– Aha! – repetiu o chinês de Hong Kong. – A menina é muito bonita. E não acredite sempre naquela conversa de os chineses só se casarem com chineses.

Kaja conseguiu esboçar um sorriso cansado.

– Refere-se aos chineses de Hong Kong, não é?

– Sobretudo os chineses de Hong Kong. – O homem assentiu com entusiasmo e ergueu a mão sem aliança. – Trabalho com *microchips*. A minha família tem fábricas na China e na Coreia do Sul. Que vai fazer esta noite?

– Dormir, espero – respondeu Kaja com um bocejo.

– Que tal amanhã à noite?

– Até lá, espero já ter encontrado quem procuro e estar de regresso a casa.

O homem franziu a testa.

– Tem assim tanta pressa, menina?

Kaja recusou a boleia que o homem lhe ofereceu e apanhou um autocarro de dois andares para o centro da cidade. Uma hora mais tarde, estava num corredor do hotel Empire Kowloon a respirar fundo repetidamente. Tinha inserido o cartão magnético na ranhura da porta do quarto que lhe fora atribuído e agora apenas lhe restava abri-la. Obrigou a mão a rodar a maçaneta. Abriu a porta e olhou para dentro do quarto.

Não estava ali ninguém.

Claro que não estava.

Kaja entrou, puxou o trólei até à cama, dirigiu-se à janela e olhou lá para fora. Primeiro para baixo, para as pessoas que enxameavam a rua dezassete andares abaixo, depois para os arranha-céus que em nada se pareciam com os seus graciosos, ou pelo menos pomposos, irmãos em Manhattan, Kuala Lumpur ou Tóquio. Aqueles pareciam termiteiras, simultaneamente aterradores e impressionantes, como um testemunho grotesco de como a Humanidade é capaz de se adaptar quando sete milhões de habitantes têm de encontrar espaço em pouco mais de uma centena de quilómetros quadrados. Kaja sentiu-se dominada pelo cansaço, descalçou-se e deixou-se cair de costas na cama. Embora fosse um quarto duplo e o hotel exibisse quatro estrelas, a cama, com um metro e vinte de largura, ocupava todo o espaço. De repente lembrou-se de que, no meio de todos aqueles formigueiros, tinha de encontrar uma pessoa em particular, um homem que, ao que tudo indicava, não estava especialmente interessado em ser encontrado.

Por um momento, Kaja sopesou as opções: fechar os olhos ou entrar em ação. Recompôs-se e levantou-se. Despiu-se e foi tomar banho. Depois olhou-se ao espelho e confirmou, sem um pinga de vaidade, que o chinês de Hong Kong tinha razão: era linda. Não partilhava essa opinião, embora fosse realmente um facto que encaixava quase na perfeição no padrão de beleza atual. Maçãs do rosto salientes, sobrancelhas espessas de um preto asa de corvo, mas bem delineadas sobre

grandes olhos, quase infantis, com íris verdes que brilhavam com a intensidade de uma mulher jovem, mas madura. O cabelo cor de mel, os lábios cheios que pareciam estar a beijar-se um ao outro numa boca generosa. O pescoço longo e delgado, o corpo igualmente esbelto com seios pequenos que não eram mais do que pequenas colinas, duas pequenas vagas num mar de pele perfeita, embora ostentando a palidez do inverno. A curva suave das ancas. As longas pernas que tinham persuadido duas agências de modelos de Oslo a viajar até à sua escola, em Hokksund, apenas para se verem obrigadas a aceitar a sua recusa com um aceno de censura. O que mais lhe agradou foi ouvir um dos interlocutores dizer, quando ia a sair: «Muito bem, mas lembre-se, minha querida: a sua beleza não é *perfeita*. Os seus dentes são pequenos e pontiagudos. Não devia sorrir tanto.»

Depois de ouvir aquilo passara a sorrir com mais facilidade.

Kaja vestiu umas calças caqui, um impermeável fino e flutuou em silêncio até ao elevador que a levou à receção.

– Chungking Mansion? – perguntou a rececionista, sem resistir a erguer uma sobrancelha. A seguir indicou: – Kimberley Road até à Nathan Road e depois à esquerda.

Todas as pensões e hotéis em países membros da Interpol são obrigados por lei a registar os hóspedes estrangeiros, mas quando Kaja telefonara à secretária do embaixador da Noruega para saber qual fora o último local onde o homem que procurava aparecia registado, a secretária explicou que Chungking Mansion não era nem um hotel nem uma mansão, no sentido de uma residência rica. Era um conjunto de lojas, estabelecimentos de pronto a comer, restaurantes e, provavelmente, mais de uma centena de pensões, legalizadas ou não, com dois a vinte quartos, distribuídas por quatro grandes torres. Havia quartos para arrendar de todos os géneros, desde simples, limpos e aconchegantes a ratoeiras e celas prisionais de uma estrela. E o mais importante: em Chungking Mansion, um homem com aspirações modestas conseguia dormir, comer, viver, trabalhar e multiplicar-se sem nunca sair do formigueiro.

Kaja encontrou a entrada da Chungking Mansion na Nathan Road, uma movimentada rua comercial com produtos de marca, fachadas polidas e montras altas. Kaja entrou. Foi envolvida pelo fumo das cozinhas de restaurantes de *fast food*, o martelar dos sapateiros, os rádios

que transmitiam orações muçulmanas e os olhares cansados do interior de lojas de roupa em segunda mão. Kaja esboçou um leve sorriso a um atarantado homem de mochila às costas com um guia *Lonely Planet* na mão e pernas brancas geladas a despontar de uns calções camuflados demasiado otimistas.

Um guarda fardado olhou para o papel que Kaja lhe mostrou, disse «Elevador C» e apontou para um corredor.

A fila para o elevador era tão comprida que só conseguiu entrar à terceira tentativa. Depois, Kaja e os outros ocupantes ficaram comprimidos num cofre metálico que chiava e trepidava, e que fez Kaja pensar nos ciganos que enterravam os seus mortos na vertical.

O dono da pensão era um muçulmano de turbante que, de imediato e com grande entusiasmo, lhe mostrou um quarto pequeno como uma caixa onde, por algum milagre, tinham conseguido encontrar espaço para pôr uma televisão na parede, aos pés da cama, e um ar condicionado a resfolegar por cima da cabeceira. O entusiasmo do proprietário esmoreceu quando Kaja lhe interrompeu a operação de *marketing* mostrando-lhe uma fotografia de um homem, com o nome que deveria figurar no seu passaporte escrito por cima, e lhe perguntou onde é que se encontrava.

Perante a reação do homem, Kaja apressou-se a informá-lo de que era sua mulher. O secretário da embaixada explicara-lhe que exibir um cartão de identificação oficial em Chungking seria «contraproducente». Fim de citação. Quando Kaja acrescentou, por razões de segurança, que ela e o homem da fotografia tinham cinco filhos, a atitude do dono da pensão mudou radicalmente. Um jovem pagão ocidental que já trouxera tantas crianças ao mundo merecia o seu respeito. Exalou um grande suspiro, abanou a cabeça e disse num inglês pesaroso e entrecortado:

– Triste, triste, senhora. Eles vieram e levaram o passaporte dele.

– Quem?

– Quem? A Tríade, senhora. É sempre a Tríade.

Claro que estava a par da existência daquela organização, mas tinha uma vaga noção de que a máfia chinesa pertencia sobretudo aos universos da banda desenhada e dos filmes de *kung-fu*.

– Sente-se, senhora. – O dono da pensão encontrou rapidamente uma cadeira onde Kaja se deixou cair. – Andavam à procura dele, ele não estava, por isso levaram-lhe o passaporte.



– O passaporte? Porquê?

O homem hesitou.

– Por favor, tenho de saber.

– Lamento dizer-lhe isto, mas o seu marido apostava em cavalos.

– Cavalos?

– Happy Valley. O hipódromo. É uma abominação.

– E deve dinheiro? À Tríade?

O dono da pensão assentiu e abanou a cabeça várias vezes para confirmar e lamentar, alternadamente, aquela circunstância.

– E a Tríade levou-lhe o passaporte?

– Se o seu marido quiser sair de Hong Kong vai ter de pagar-lhes a dívida.

– O meu marido pode ir à embaixada norueguesa e pedir um passaporte novo.

O turbante abanou de um lado ao outro.

– Sim, claro, e também é possível arranjar um passaporte falso aqui em Chungking por oitenta dólares americanos. Mas o problema não é esse. O problema é que Hong Kong é uma ilha, senhora. Como é que cá chegou?

– De avião.

– E como vai regressar?

– De avião.

– Um aeroporto. Bilhetes. Todos os nomes no computador. Muitos postos de controlo. Muita gente no aeroporto a receber dinheiro da Tríade para reconhecer caras. Compreende?

Kaja acenou lentamente com a cabeça.

– É difícil escapar.

O dono da pensão meneou a cabeça soltando uma gargalhada.

– Não, senhora. É *impossível* escapar. Mas pode esconder-se em Hong Kong. Sete milhões de pessoas. É fácil desaparecer.

A falta de sono começava a afetar Kaja, que fechou os olhos. O proprietário deve tê-la interpretado mal, porque lhe pôs uma mão consoladora no ombro e murmurou:

– Pronto, pronto. – O homem vacilou, depois inclinou-se para a frente e sussurrou: – Acho que ele ainda está cá, senhora.

– Sim, eu sei que está.

– Não, quero dizer aqui em Chungking. Eu vi-o.

Kaja ergueu a cabeça.

– Duas vezes – disse ele. – No Li Yuan's. Ele comeu lá. Arroz barato. Não diga a ninguém que eu disse. O seu marido é homem bom. Mas sarilhos. – O homem revirou tanto os olhos que quase lhe desapareceram no turbante. – Muitos sarilhos.

O Li Yuan's consistia num balcão, quatro mesas de plástico e um chinês que lhe lançou um sorriso encorajador quando, seis horas, duas porções de arroz frito, três cafés e dois litros de água depois, Kaja acordou repentinamente, levantou a cabeça da mesa gordurosa e olhou para ele.

– Cansada? – perguntou o homem em inglês com um grande sorriso, revelando uma fileira incompleta de incisivos.

Kaja bocejou, pediu o quarto café e continuou à espera. Dois chineses entraram e sentaram-se ao balcão, sem falar nem pedir nada. Nem sequer se dignaram a olhar para ela de relance, o que Kaja agradeceu em silêncio. Estava tão tensa por ter estado sentada tantas horas no avião, que sentia dores fosse qual fosse a posição que adotasse. Virou a cabeça de um lado para o outro tentando estimular a circulação. Depois virou-a para trás. O pescoço estalou. Olhou para os tubos fluorescentes branco-azulados do teto antes de voltar a baixar a cabeça. E deu de caras com um rosto pálido e acossado. Tinha parado no corredor, em frente a umas persianas de aço descidas, e perscrutava o interior do minúsculo estabelecimento de Li Yuan. O olhar recaía sobre os dois chineses ao balcão. Depois, o homem saiu apressadamente.

Kaja levantou-se, mas uma perna dormente cedeu sob o seu peso. Pegou na mala e saiu do restaurante a coxear, perseguindo o homem o mais depressa que podia.

– Volte sempre – ouviu Li Yuan gritar nas suas costas.

Parecera-lhe tão magro. Nas fotografias aparentava ser uma figura alta e robusta e no *talk show* televisivo fizera com que a cadeira onde se sentou parecesse ter sido desenhada para pigmeus. Mas Kaja não tinha a mais pequena dúvida de que era ele: as saliências na cabeça, o cabelo quase rapado, o nariz proeminente, os olhos raiados de sangue em torno das íris azul-claras desbotadas pelo álcool. O queixo proeminente com uma boca surpreendentemente suave, quase bela.

Kaja entrou aos tropeções na Nathan Road. Sob o brilho de um anúncio de néon avistou um blusão de pele que sobressaía acima da multidão. Não parecia estar a andar depressa, mas Kaja teve de acelerar o passo para conseguir acompanhá-lo. O homem saiu da movimentada rua comercial e Kaja deixou a distância entre os dois aumentar à medida que entravam em ruas mais estreitas e menos frequentadas. Fixou uma placa que dizia «Melden Row». Era tentador aproximar-se e apresentar-se, acabar com aquele jogo. Mas decidiu seguir o plano: descobrir onde ele morava. Tinha parado de chover e, de repente, uma nuvem esparsa afastou-se, revelando um céu alto, de um negro aveludado, semeado de estrelas cintilantes como cabeças de alfinete.

Depois de caminhar durante vinte minutos, o homem deteve-se subitamente a uma esquina e Kaja receou ter sido descoberta. Todavia, o homem não se virou, retirou apenas um objeto do bolso do casaco. Kaja olhou para o objeto, perplexa. Um biberão?

O homem dobrou a esquina e desapareceu.

Kaja seguiu-o e entrou numa grande praça cheia de pessoas, a maioria jovens. Na outra extremidade da praça, por cima de amplas portas de vidro, brilhava uma placa escrita em inglês e chinês. Kaja reconheceu os títulos de alguns dos novos filmes que nunca iria ver. Os olhos descobriram o blusão de pele do homem e viu-o pousar o biberão num pedestal por baixo de uma estátua de bronze, uma forca com um nó corrediço a aguardar a próxima vítima. Ele prosseguiu, passou por dois bancos ocupados e sentou-se no terceiro, pegando num jornal. Cerca de vinte segundos depois, levantou-se, regressou à estátua, pegou no biberão quando passou, enfiou-o no bolso e regressou pelo mesmo caminho que tomara até ali.

Tinha começado a chover quando o viu entrar em Chungking Mansion. Kaja começou lentamente a preparar o seu discurso. Já não havia fila para os elevadores; apesar disso, o homem subiu uma escadaria, virou à direita e passou por uma porta basculante. Kaja correu atrás dele e, de repente, deu por si num vão de escada decrépito e deserto que tresandava a mijo de gato e a betão molhado. Prendeu a respiração, mas apenas conseguiu ouvir o som do gotejar. Quando tomou a decisão de subir as escadas, ouviu uma porta bater com estrondo num andar mais abaixo. Desceu as escadas a correr e encontrou a única coisa que poderia ter provocado aquele estrondo: uma porta metálica

amolgada. Pôs a mão na maçaneta, sentiu um arrepio, fechou os olhos e praguejou em silêncio. Então, abriu a porta de rompante e entrou nas trevas. Ou antes: saiu.

Algo passou a correr sobre os seus pés, mas Kaja não gritou nem se mexeu.

De início pensou que tinha entrado num poço de elevador, mas quando olhou para cima vislumbrou paredes enegrecidas cobertas por um emaranhado de canos de água, cabos, pedaços distorcidos de metal e andaimes de ferro, enferrujados e periclitantes. Era um pátio, alguns metros quadrados de espaço entre as torres. A ténue luminosidade vinha de um pequeno quadrado de estrelas lá no alto.

Embora não houvesse uma nuvem no céu, caía água no asfalto e na cara de Kaja. Percebeu que provinha das pequenas e oxidadas unidades exteriores de ar condicionado que despontavam das fachadas dos edifícios. Recuou e encostou-se à porta de ferro.

Esperou.

Da escuridão, acabou por ouvir em inglês:

– Que é que você quer?

Nunca antes ouvira a voz dele. Bem, ouvira-a no *talk show* sobre *serial killers*, mas ouvi-la ao vivo era algo bem diferente. Falava num tom rouco e cansado que o fazia parecer mais velho do que os quarenta anos que Kaja sabia ter acabado de completar. Mas ao mesmo tempo revelava uma serenidade e uma autoconfiança que não combinavam bem com a expressão acossada que vira à porta do Li Yuan's. Profunda, quente.

– Sou norueguesa – disse Kaja.

Não houve resposta. Kaja engoliu em seco. Sabia que as primeiras palavras seriam as mais importantes.

– Chamo-me Kaja Solness. Fui incumbida de o encontrar. Por Gunnar Hagen.

Nenhuma reação ao nome do seu chefe na Brigada Anticrime. Será que já se fora embora?

– Trabalho para o Hagen, sou inspetora da Brigada Anticrime – disse Kaja para a escuridão.

– Parabéns.

– Não precisa de me felicitar. Pelo menos se tiver lido os jornais noruegueses nos últimos meses. – Kaja mordeu a língua. Estaria a

tentar ser engraçada? Só podia ser por causa da falta de sono. Ou dos nervos.

– Estava a dar-lhe os parabéns pela missão bem-sucedida – disse a voz. – Fui encontrado. Agora já pode voltar para casa.

– Espere! – gritou Kaja. – Não quer ouvir o que tenho a dizer?

– Preferia não ouvir.

Mas as palavras que tinha anotado e praticado ganharam vida:

– Foram mortas duas mulheres. As provas forenses sugerem tratar-se do mesmo assassino. Para além disso, não temos nenhuma pista. Apesar de termos dado pouquíssimas informações aos *media*, os tipos não param de apregoar que anda outro *serial killer* à solta. Alguns comentadores escreveram que pode ter-se inspirado no Boneco de Neve<sup>2</sup>. Pedimos ajuda à Interpol, mas os peritos deles não fizeram qualquer progresso. A pressão dos *media* e das autoridades...

– O que eu queria dizer era não – disse a voz. Ouviu-se a porta bater.

– Ei! Espere! Ainda está aí? – Kaja avançou às apalpadelas e encontrou uma porta. Abriu-a antes que o terror se conseguisse instalar e desembocou noutra vão de escada escuro. Vislumbrou luz mais acima e subiu os degraus três a três. A luz provinha de um vidro de uma porta de batente que Kaja empurrou. Entrou num corredor despido, onde alguém desistira de tentar reparar o reboco a descascar e cujas paredes libertavam um vapor húmido como o mau hálito. Encostados à parede encontravam-se dois homens com cigarros pendurados ao canto da boca e um cheiro adocicado flutuou na direção de Kaja. Os homens avaliaram-na com os seus olhos preguiçosos. Demasiado preguiçosos para se mexerem, esperava. O mais pequeno era negro, de origem africana, presumiu. O grande era branco e tinha uma cicatriz em forma de pirâmide na testa, como um sinal de trânsito a indicar perigo. Kaja lera na revista *The Police* que Hong Kong tinha quase trinta mil polícias nas ruas e era considerada a metrópole mais segura do mundo. Mas isso era nas ruas.

– Anda à procura de haxixe, senhora? – perguntou um dos homens em inglês.

Kaja abanou a cabeça, tentou esboçar um sorriso confiante, tentou agir como aconselhara as meninas a fazer quando andou a visitar

---

<sup>2</sup> Ver *O Boneco de Neve*, Jo Nesbø, Dom Quixote, 2013. (N. do T.)

escolas: deviam parecer alguém que sabia para onde estava a ir, não alguém que tinha perdido o rebanho. Não uma presa.

Os homens devolveram-lhe o sorriso. A outra saída do corredor estava fechada com tijolos. Os dois estranhos tiraram as mãos dos bolsos, os cigarros da boca.

– Então será que anda à procura de diversão?

– Enganei-me na porta, só isso – respondeu Kaja, virando-se para sair. Uma mão fechou-se em torno do seu pulso. O terror que sentia tinha um gosto a folha de alumínio. Teoricamente, Kaja sabia como sair daquela situação. Tinha praticado num tapete de borracha num ginásio iluminado e com um instrutor e os colegas reunidos em seu redor.

– Porta certa, senhora. Porta certa. A diversão é por aqui. – O hálito na sua cara tresandava a peixe, cebola e marijuana.

No ginásio só tivera um adversário.

– Não, obrigada – disse Kaja, esforçando-se por manter a voz firme.

O negro aproximou-se dela, agarrou-lhe o outro pulso e disse numa voz que oscilava entre o normal e o falsete:

– Nós vamos mostrar-lhe o caminho.

– Só que não há muito para ver, pois não?

Todos se viraram na direção da porta basculante.

Kaja sabia que no passaporte dele estava escrito um metro e noventa e dois, mas ali, contra aquela entrada concebida para as medidas dos habitantes de Hong Kong, parecia ter pelo menos dois metros e dez. E parecia duas vezes mais entroncado do que há apenas uma hora. Os braços pendiam-lhe ao lado do corpo, um pouco afastados do tronco, mas não se mexeu, não os fitou, não rosnou, limitou-se a olhar calmamente para o homem branco e a insistir:

– Pois não, *jau-ye*?

Kaja sentiu os dedos do homem branco tensos em torno do seu pulso para depois relaxarem e reparou que o homem negro começou a transferir o peso de um pé para o outro.

– *Ng-goy* – disse o homem à porta.

Sentiu as mãos de ambos largarem-na hesitantemente.

– Venha – disse o homem, pegando-lhe ao de leve no braço.

Kaja sentiu o calor nas faces enquanto se encaminhavam para fora do corredor. Calor produzido pela tensão e pela vergonha. Vergonha por se sentir tão aliviada, pela lentidão com que o cérebro reagira

àquela situação. Pela facilidade com que permitira ser ele a resolver o assunto com dois traficantes inofensivos que só queriam divertir-se um pouco à custa dela.

Ele acompanhou-a dois andares mais acima, cruzaram a porta basculante e o homem posicionou-se à frente de um elevador, carregou na seta para descer, pôs-se ao seu lado e cravou o olhar no número 11 iluminado por cima da porta do elevador.

– Trabalhadores estrangeiros. Imigrantes – explicou. – Sentem-se sós e entediados.

– Eu sei – retorquiu Kaja em tom desafiador.

– Carregue no «G» para o rés-do-chão, vire à direita e siga em frente até chegar à Nathan Road.

– Por favor, ouça-me. É a única pessoa na Brigada Anticrime com competência para capturar *serial killers*. Afinal de contas, foi você quem apanhou o Boneco de Neve.

– É verdade – respondeu. Kaja registou um movimento nos seus olhos e o homem passou um dedo pelo maxilar inferior, por baixo da orelha direita. – E depois demiti-me.

– Demitiu-se? Foi de férias, quer você dizer.

– Demiti-me. *Fechei a loja*, se preferir.

Só nesse momento é que Kaja reparou na estranha protuberância do lado direito do maxilar.

– O Gunnar Hagen diz que quando deixou Oslo concordou com uma licença sem vencimento até nova ordem.

O homem sorriu e Kaja reparou que o sorriso lhe alterou completamente a expressão.

– O Hagen fez isso porque não consegue meter na cabeça que... – fez uma pausa e o sorriso desapareceu. Os olhos estavam direcionados para o painel por cima da porta do elevador onde brilhava agora um «5». – Seja como for, já não trabalho para a Polícia.

– Precisamos de si... – Kaja inspirou. Sabia que estava a patinar em gelo fino, mas tinha de agir antes de voltar a perdê-lo de vista. – E você precisa de nós.

Os olhos dele voltaram a fixar-se em Kaja.

– Que raio é que a faz pensar uma coisa dessas?

– Deve dinheiro à Tríade. Compra droga na rua servindo-se de um biberão. Vive... – Kaja fez uma careta – ...aqui. E não tem passaporte.

– Estou a gostar de estar aqui. Para que é que preciso de passaporte?  
OuvIU-se um «plim», a porta abriu-se com um rangido e um bafo quente e fétido libertou-se dos corpos que se encontravam lá dentro.

– Eu não vou! – disse Kaja mais alto do que desejara. Reparou nos rostos que a olhavam num misto de impaciência e curiosidade.

– Ai vai, vai – disse o homem, que lhe pôs uma mão nas costas e a empurrou suavemente mas com firmeza para o elevador. Kaja foi de imediato cercada por corpos que se fecharam em seu redor e a impossibilitaram de se mover ou mesmo de se virar. Rodou a cabeça a tempo de ver as portas fecharem-se.

– Harry! – gritou.

Mas ele já tinha desaparecido.